

NAS VEREDAS DAS TERTÚLIAS LITERÁRIAS: UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA ACERCA DOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE INTELECTUAL¹

Maiara Juliana Gonçalves da Silva

Resumo: Cafés, livrarias, redações de jornais, tipografias, conferências, salões, agremiações literárias... esses são alguns exemplos de ambientes que serviram de ponto de encontros e abrigaram inúmeras reuniões de homens que praticavam atividades literárias no Brasil. Esses espaços multiplicaram-se acompanhando um movimento de transformações físicas, culturais e sociais no fim do século XIX e no início do século XX. Desde o Segundo Reinado, podemos verificar o desenvolvimento de atividades intelectuais no Brasil. Entretanto, foi no fim do século XIX que esses movimentos intensificaram-se, resultando em uma maior atuação desse grupo na sociedade e nos espaços da cidade. No interior dos ambientes mencionados, grupos de intelectuais trocavam experiências, elaboravam, discutiam, divulgavam e faziam circular suas ideias e projetos, bem como forjavam a formação de uma identidade de grupo, uma vez que tais espaços ratificavam as relações sociais existentes. No entanto, apesar dos espaços de sociabilidades serem importantes para um estudo que proponha a compreensão e a análise da dinâmica desse grupo, poucas foram as produções, na historiografia brasileira, que deram ênfase a essa temática. Desse modo, o presente artigo tem por objetivo é contemplar uma discussão historiográfica acerca de perspectivas de estudos voltadas para os espaços frequentados por grupos literatos no período republicano.

Palavras-chave:

espaço, sociabilidade, intelectuais.

ABSTRACT: *Cafes, bookstores, newspaper editorial departments, typographies, conferences, exhibitions, literary associations... These are a few examples of environments that served as meeting points and have hosted numerous meetings of men who practiced literary activities in Brazil. These spaces have increased following a*

¹ Artigo fruto do trabalho final para a disciplina Historiografia e Produção dos Espaços, ministrada pelo Prof.^a Dr.^a Juliana Teixeira Souza, do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

movement of physical, cultural and social transformations in the late 19th century and early 20th century. Since the Second Reign, we can see the development of intellectual activities in Brazil. However, it was in the late 19th century that these movements have intensified, resulting in the increase of performance of that group in that society and in the spaces of the city. Within the aforementioned environments, intellectual groups exchanged experiences, elaborated, discussed, disseminated and circulated their ideas and projects, as well as planted the formation of a group identity as these spaces confirmed the existing social relations. However, despite the social arrangements are important venues for a study that proposes the understanding and analysis of the dynamics of this group, few were the productions, in the Brazilian historiography, which gave emphasis to this subject. Thus, this article aims to contemplate a historiographical discussion about the perspectives of studies focused on the spaces attended by the groups of men of letters during the republican period.

Keywords:

Space, Sociability, Intellectuals.

Na historiografia brasileira, foram poucas as produções que se inclinaram especificamente para os estudos desses espaços de sociabilidade. Na maioria das vezes, as pesquisas que abordam tais ambientes de encontros intelectuais possuem como foco principal de análise a trajetória biográfica de algum indivíduo ou o estudo de projetos culturais desenvolvidos por certos grupos de literatos. No entanto, os lugares de sociabilidades são condições para a elaboração intelectual. Seu estudo auxilia-nos a compreender melhor de que modo constitui-se uma dinâmica dos intelectuais, ou seja, as relações de afinidade ou de conflitos desenvolvidas dentro do pequeno mundo intelectual, as condições sociais da produção cultural e os vínculos com outros campos – como, por exemplo, o campo político.

Sendo assim, a elaboração de uma análise acerca dos espaços de sociabilidade intelectual está, primeiramente, articulada aos estudos inseridos no campo de História dos Intelectuais – desenvolvida apenas na década de 1970. No que concerne aos estudos da História dos Intelectuais no Brasil, percebemos que até a década de 1970, não há uma exploração da história intelectual brasileira. Segundo a historiadora Rebecca Gontijo, as décadas de 70 e 80 foram anos estimulantes para produções acerca dos estudos dos intelectuais, fazendo florescer pesquisas nas mais variadas

ciências. Provavelmente, as pesquisas no Brasil acompanharam os movimentos da Historiografia dos Intelectuais nos demais países, entre eles – e, privilegiadamente – a França.

O estudo dos intelectuais pode enveredar pelas mais variadas abordagens: análise de trajetórias biográficas, abordagem acerca das gerações de grupos de intelectuais existentes, elaboração de um exame crítico sobre projetos culturais e políticos, análise das relações constituída entre o campo intelectuais e demais campos – político, religioso –, entre outras perspectivas. Preferimos atentar para as discussões presentes na historiografia brasileira que contemplaram a História Intelectual por meio dos estudos dos espaços de sociabilidade, uma vez que esse tipo de abordagem aponta caminhos interessantes de investigação. Acreditamos que, no estudo dos intelectuais é preciso voltar-se para os lugares, os meios e às redes de sociabilidade, de modo a tentar-se compreender os intelectuais nas suas circunstâncias de produção e atuação. Um estudo dos espaços de sociabilidade intelectual é essencial para pensar o *ethos* do grupo, suas características e seu funcionamento enquanto grupo a partir de análises que abordem os ambientes específicos em que os laços, constituídos por esses indivíduos e grupos, atavam-se e desatavam-se.

Destarte, o presente artigo propõe a discussão de produções historiográficas que moveram esforços e, a partir de diferentes ângulos, contemplaram perspectivas de estudos voltadas para os espaços frequentados por grupos literários no fim do século XIX e início do século XX. Esse artigo tem por objetivo contemplar uma discussão historiográfica acerca dos espaços de sociabilidades intelectuais no Brasil republicano. Nesse artigo pretendemos apresentar uma parcela do debate na historiografia que versem sobre os espaços de sociabilidade intelectual, elegendo as seguintes produções: *A Belle Époque tropical*, do historiador norte-americano Jeffrey Needell; *A vida literária no Brasil – 1900*, do crítico literário José Brito Broca e *Essa gente do Rio – modernismo e nacionalismo*, da historiadora Ângela de Castro Gomes.

Buscamos também tecer algumas considerações pertinentes acerca do estudo no que diz respeito aos espaços destinados à sociabilidade da intelectualidade potiguar durante a Primeira República. Na abordagem dessa temática, no que respeita a historiografia local, optamos por trabalhar com as produções: *Natal também civiliza-se*, da historiadora Márcia Marinho; *Belle Époque na esquina*, elaborada pelo crítico literário Tarcísio Gurgel; e com a pesquisa intitulada *Homens de letras na cidade do Natal*, desenvolvida pela autora do presente artigo. Desse modo, o presente trabalho encontra-se estruturado em dois momentos: o primeiro contempla a análise de alguns

estudos dos espaços de sociabilidade existentes na Historiografia brasileira; no segundo momento, apresentaremos uma discussão no que diz respeito às produções da historiografia local, norte rio-grandense, que contemplaram os espaços onde se reuniam os homens de letras da cidade do Natal.

Os espaços de sociabilidade intelectual: produções na historiografia brasileira

O meio intelectual no Brasil, no final do século XIX e décadas iniciais do século XX, constitui um pequeno mundo estreito, onde os laços atam-se. Os espaços de sociabilidades consistem, por excelência, nesse pequeno mundo estreito no qual os intelectuais vinculam-se uns aos outros, por uma série de laços e afinidades, em torno de lugares de sociabilidade. Entender os espaços que serviram de encontros, reuniões e aglutinações para a intelectualidade de um dado lugar e de uma dada época conduzem-nos a acepção de sociabilidade de Jean-François Sirinelli. Esses movimentos de encontros dos intelectuais são identificados pelo estudioso francês como um tipo de *estrutura organizacional (elementares)* de sociabilidade que varia conforme épocas e subgrupos estudados e pode, ainda, ser identificada a partir de dois conceitos: *rede organizacional* e *microclima*.

De acordo com Sirinelli, “todo grupo de intelectuais organiza-se a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver” (2003, p. 246). Logo, tais estruturas elementares de sociabilidade consistem em um observatório, de primeiro plano, da sociabilidade de *microcosmos* intelectuais² e ainda um lugar precioso para a análise do movimento das ideias (SIRINELLI, 2003, p. 249), uma vez que se trata de ambientes que proporcionam a fermentação intelectual – elaboração, discussão e difusão de ideias –; o desenvolvimento de relações afetivas, tais como: afinidade, lealdade, apadrinhamentos; e, sobretudo, a formação de identidade e pertencimento a um grupo.

Para a historiadora Rebecca Gontijo, as *redes* de sociabilidade alimentam os *microclimas* ou seja, meios aos quais as atividades e comportamentos dos intelectuais desenvolvidas constituem um microcosmo particular. Ainda que, o termo *microclima* seja uma noção específica utilizada pela literatura, ainda assim, podemos utilizá-lo a

² Jean – François Sirinelli dialoga com a perspectiva de Pierre Bourdieu. O *microcosmo* pertence à lógica relacional construída por Bourdieu para discutir o espaço social dos produtores culturais. De acordo com o autor, o *microcosmo* insere-se dentro do espaço social apresentando suas leis e estruturas próprias, o que contribuiu para a sua especificidade. Ver: BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: papyrus, 2011. 11 ed. p.15.

fim de atentar-se para as sensibilidades envolvidas na constituição desses grupos nesses espaços. “A atração, a amizade e os afetos, assim como a hostilidade, a rivalidade e o rancor desempenham um papel importante no mundo intelectual” (GONTIJO, 2005, p. 262). Desse modo, o *microclima* torna os espaços de sociabilidades intelectuais não apenas ambientes físicos, como também, afetivos. A palavra sociabilidade reveste-se, portanto, de duas noções, que são a de *redes*, que estruturam, e a de *microclima*, que caracterizam um *microcosmo* intelectual.

As perspectivas historiográficas elencadas nesse artigo contemplam as perspectivas de espaços de sociabilidade intelectual desenvolvida por Sirinelli. Os historiadores, Jeffrey Needell (1993) e Ângela de Castro Gomes (1999), e o crítico literário Brito Broca (1956) abordam ambientes em que determinados grupos de intelectuais desenvolveram relações ora de adesões – amizades, trocas de experiências, afinidades, fidelidades – ora de exclusões – conflitos, debate e cisões suscitadas – conferindo, assim, uma estrutura ao campo intelectual.

A primeira abordagem acerca dos espaços de sociabilidades intelectuais não foi elaborada por um historiador. José de Brito Broca publicou *A vida literária no Brasil – 1900* em 1956. Nascido em São Paulo no ano de 1903, Broca era ensaísta, jornalista e crítico literário. Foi redator de *O Tempo*, órgão tenentista (1931), de *A Razão*, periódico ligado à legião revolucionária (1932). A obra de Broca foi considerada o seu mais importante trabalho³. O crítico literário produziu um estudo que relacionava literatura e sociedade. A obra foi resultado de um projeto de 1956, em que o autor pretendia percorrer a vida literária ao longo de todas as fases das letras brasileiras: o período romântico colonial; o período naturalista; o período parnasianista e simbolista – de que trata a presente obra – e o período modernista. Desse modo, em uma época em que ainda não se pensava em lançar perspectivas de estudos sobre os intelectuais no Brasil, Broca descortinou a dinâmica da intelectualidade carioca no início do século XX, fazendo de sua obra uma referência na historiografia de estudos acerca da literatura brasileira.

A obra é imprescindível na discussão de espaço de sociabilidade intelectual, uma vez que o autor discorre acerca da formação cultural dos homens de letras no Brasil e (d)os espaços que esses homens percorreram, frequentaram, ocuparam e dinamizaram nas primeiras décadas do século XX o campo intelectual brasileiro. O autor contempla detalhes do cotidiano e relacionamentos interpessoais existentes no pequeno mundo

³ A obra *A vida literária no Brasil – 1900* foi agraciada com os prêmios Paula Brito (Secretaria da Educação do Rio de Janeiro), Sílvio Romero (Academia Brasileira de Letras), Fábio Prado (Sociedade Paulista de Escritores) e Luísa Cláudio de Sousa (PEN Clube do Brasil).

dos intelectuais. Além de lembrar-se dos grandes escritores da época – como, por exemplo, Machado de Assis, Capistrano de Abreu, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Graça Aranha, João do Rio e Olavo Bilac –, o autor também trouxe, à sua narrativa, aquelas figuras com pouco reconhecimento, visto que não tenham lançado uma só obra digna de lembrança. Ao contrário da historiografia francesa que marca o ano de 1900 como período que intermedeia o século passado e a Primeira Guerra Mundial, o crítico literário elege o ano de 1900 como época da remodelação da cidade do Rio de Janeiro.

O livro constitui uma enorme crônica, uma vez que reúne suas crônicas sobre literatura, escritas para jornais como *A Gazeta*, de São Paulo, e *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, desde o ano de 1927. Ao que percebemos, Brito Broca escreve na condição de homem de letras, isto é, escreve sobre os seus iguais. O autor trabalha com jornais datados da época mencionada na obra – década de 1900. O crítico literário foi contemporâneo de renomados poetas, jornalistas, cronistas e romancistas, em épocas ilustres como a década de 1920 e 1930. Ainda que não fosse um historiador e seu trabalho não consistisse em uma pesquisa de caráter acadêmico, o crítico literário conseguiu desenvolver em sua obra alguns métodos da pesquisa histórica. Como escritor literário de jornais, Brito Broca elencou diversas crônicas elaboradas pelos escritores das primeiras décadas de 1900 para os jornais que circulavam na época. Trata-se, em sua maioria, de uma obra de um cronista sobre outros cronistas, voltada não apenas para as produções culturais, como também às dinâmicas nas quais estavam envoltos os homens de letras da capital federal brasileira.

No que concerne a sua abordagem dos espaços de sociabilidade intelectual, o crítico literário paulistano elege os principais ambientes frequentados pelos literatos da cidade carioca. Primeiramente – já no segundo capítulo que compõe a obra – Brito Broca tece algumas considerações sobre a constituição da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1896. Segundo o autor, a formação da ABL contribuiu para a decadência da boemia carioca e causou uma dispersão quanto ao espaço ocupado pelos escritores que se reuniam em pequenos grupos, à tarde, na Rua do Ouvidor. Com a construção da Avenida Central, os boêmios não mais desfrutavam dos estreitos limites da Rua do Ouvidor. Percebemos que o cronista identifica a ABL como um tipo de “espaço oficial” em que aglutinava os escritores com dignidade social, excluindo de sua

participação os grupos conhecidos como boêmios, no qual pertenciam escritores como Paula Nei, Lima Barreto, Emílio de Meneses⁴ e B. Lopes.

A política da ABL era ser o centro institucional das letras na medida em que aglutinava, exclusivamente, os 40 letrados consagrados e com dignidades suficientes para imortalizar seu nome da história da literatura brasileira (BROCA, 1956, p. 42). Embora o autor não trabalhe com a acepção de sociabilidade, podemos identificá-la na apresentação que Broca elabora acerca da ABL aspectos de exclusão. A mesma instituição que serve a finalidade de reunir e aglutinar, concomitantemente, priva a participação de determinados conjuntos de letrados a ponto de marginalizá-los – como, por exemplo, os boêmios. O espaço de sociabilidade ao mesmo tempo em que ratifica relações sociais, corrobora também para diferenciar, marginalizar, excluir.

Se o cronista tece considerações acerca dos espaços dos escritores privilegiados – a ABL – ele também contempla os espaços que reuniam os grupos postos à margem dessa instituição. O capítulo quarto apresenta a exposição de Brito Broca no que diz respeito aos cafés. O cronista aponta os cafés e as confeitarias como recintos exíguos em que os intelectuais reúnam-se. Segundo Broca, os homens de letras também se reuniam em outros lugares públicos “dando assim muito na vista suas tertúlias ruidosas, próprias da mocidade” (BROCA, 1956, p. 75). Além dos cafés, Broca também elenca as livrarias como os pontos de reuniões dos escritores. Nas palavras do autor, “a livraria Garnier do Rio, não é, na verdade um simples estabelecimento comercial, mas um clube, uma corte de mecenato, uma academia” (BROCA, 1956, p. 77). Os cafés e livrarias são expostos como espaços alternativos, que fugiam as regras e funcionamentos da instituição oficial ABL.

Podemos acrescentar mais: diferente da academia dos imortalizados no universo literário brasileiro, os espaços como cafés e livrarias são ambientes que foram eleitos por grupos de intelectuais para servirem de pontos de encontros. Os cafés e as livrarias foram criados, respectivamente, para a venda de cafés e doces e a comercialização de livros. No entanto, tais ambientes foram apropriados como espaços de reunião de grupos de letrados excluídos do centro aglutinador oficial desse conjunto de intelectuais, uma vez que, enquanto:

⁴ Mesmo pertencendo a grupos excluídos das 40 cadeiras da ABL, escritores como Lima Barreto e Emílio de Meneses foram solicitar a participação na instituição oficial dos letrados do Brasil. Segundo Brito Broca, alguns outros escritores, como, por exemplo, Emílio de Meneses, insistiram na participação da instituição, ainda que a contragosto do presidente da ABL, Machado de Assis. Foi apenas após a morte de Machado de Assis, que Emílio de Meneses pode compor uma das cadeiras imortalizadas da instituição. Ver: BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. P. 75.

A academia por ser exclusivamente de letras não pode dar, no seio restrito, lugar a todos os imortalizáveis; além disso, dispõe apenas de quarenta cadeiras, em cada uma das quais se pode sentar apenas um gênio; ao passo que a porta da Garnier, onde os vultos podem continuamente revezar, corresponde a um espaço ilimitado, independente de eleições, sem poltronas embaraçosas, sem as insígnias do Sr. Rodrigo Otávio atravancando a apoteose dos eleitos. A porta da Garnier amplia a Academia, ao mesmo tempo em que repara as injustiças devidas à sua insuficiência. (BROCA, 1956, p. 80).

Nos capítulos que se seguem, Brito Broca elenca outros espaços, ora apropriados, ora criados, pelos letrados à margem da participação na ABL: as agremiações literárias. O autor identifica alguns grupos que, no Rio de Janeiro, moveram esforços para fundarem uma espécie de "Academia alternativa". O que verificamos aqui consiste nas criações de vários espaços de sociabilidade intelectual alternativo que foge e, provavelmente, opõe-se ao centro oficial dos letrados – ABL. No entanto, é necessário que atentemos para a existência de uma heterogeneidade dentro do próprio grupo de escritores excluídos da ABL. Se por um lado, os espaços de sociabilidades "alternativas", identificados por Broca, servem para reunir os homens de letras que estavam distantes da participação na ABL, por outro, contribuiu também para a dispersão desse mesmo grupo alternativo com o surgimento de diferentes espaços espalhados pela cartografia da cidade do Rio de Janeiro.

O literato também traz uma exposição acerca da época de "conferenciomania" no Brasil. Segundo o autor, a primeira década do século XX foi a época do desenvolvimento das conferências no país. Ainda que, as conferências literárias já existissem no Brasil desde 1875, foi no século XX em que a moda ressurgiu com mais intensidade. Broca identifica as conferências literárias como um determinado tipo de espaço de sociabilidade de literatos. A atração dos literatos pelas conferências justificase não somente devido ao lucro financeiro, já que as conferências eram remuneradas⁵, como também pela oportunidade que as conferências davam como "um dos melhores meios de dar na vista, de chamar a atenção para a própria pessoa, fazer o próprio reclame" (BROCA, 1956, p. 196). Portanto, na época, em que o sensacionalismo começava a se implantar nas letras, pronunciar uma conferência significava fazer-se ver e reconhecer. Sendo assim, a importância das conferências literárias era pela

⁵ Brito Broca alude às conferências remuneradas atentando, como exemplo, para o caso das conferências realizadas alude às conferências remuneradas. Conferências realizadas por escritores no Instituto Nacional de Música, custando dois mil réis a entrada no ano de 1905. O gênero, e a possibilidade de ganhar dinheiro com ele, chamou a atenção de muitos letrados, entre eles Coelho Neto e Olavo Bilac. Para mais informações, consultar: BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. Cap. 13. P. 195.

possibilidade de aglutinação dos letrados e pela evidencia que fornecia quanto à existência de um mundo intelectual efervescente e atuante na cidade, à atuação de letrados e ao fazer-se conhecer.

Poderíamos qualificar a extensa crônica de Brito Broca sobre a vida literária de 1900 como uma tentativa de historicizar os espaços de sociabilidade “alternativa” dos intelectuais na capital federal. Consideramos, ainda, que o cronista foi pioneiro ao desempenhar um abstruso exercício para nós, historiadores: falar de seus iguais. Broca falou de literatos sendo um literato também. Teceu longas páginas acerca de uma dinâmica, no qual o mesmo estava imerso. O livro, ainda que seja intitulado *A vida literária no Brasil – 1900*, alude, exclusivamente, ao estudo da vida literária no Rio de Janeiro, chegando a identificar o Rio de Janeiro como “centro de produção e divulgação da literatura brasileira” (BROCA, 1956, p. 25). Quando aludem aos outros estados é de forma incidentalmente, quando, no caso, a vida literária carioca cruzou-se com literatos pertencentes a outros estados brasileiros.

Embora aborde os espaços de sociabilidades intelectuais, a perspectiva de Broca trata-se mais de uma descrição, um longo texto acrítico, do que uma análise. Ainda assim, *A vida literária no Brasil – 1900* compõe a referência bibliográfica da produção de um dos primeiros historiadores que abordaram sobre os espaços de sociabilidades no Brasil: o norte-americano Jeffrey D. Needell. O historiador norte-americano publicou *Belle Époque tropical* no ano de 1993, na mesma época em que o historiador atuava como professor especialista em História do Brasil na Universidade da Flórida. Em sua produção, o autor analisa, sob os mais diversos aspectos, o processo de colonização cultural da elite carioca durante o que denomina de “Belle Époque”⁶, do Segundo Reinado à República Velha. Da urbanização e arquitetura à literatura, ele mostra como um grupo social urbano reproduziu, de forma acrítica, os valores e hábitos ingleses e franceses.

Belle Époque tropical é permeada pela problemática da análise acerca do papel da cultura de origem europeia na estrutura social e econômica do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX. O foco da análise do autor recai sobre o que o mesmo identifica como a “elite” carioca: “o grupo mais afetado pela influência das culturas inglesas e francesas” (NEEDELL, 1993, p. 11). Portanto, o objetivo central do historiador norte-americano consiste em identificar como a cultura e a sociedade de “elite” serviram para a promoção dos interesses e da visão desse mesmo grupo. A elite

⁶ Jeffrey Needell identifica como “Belle Époque” o período marcado por certa adesão, a nível ocidental, de normas e comportamentos importados da França – país considerado a grande referência cultural enquanto civilização da época estudada.

da capital federal adaptou os paradigmas culturais derivados da aristocracia europeia – entre eles, França e Inglaterra – ao meio carioca. No entanto, como o estudo sobre os espaços de sociabilidades intelectuais estão inseridos na proposta de Jeffrey Needell, já que ele trata da influencia europeia na elite carioca? Ao problematizar as influencias e apropriações dos paradigmas ingleses e franceses pela elite carioca no fim do século XIX e início do século XX, o autor volta-se para os dois extremos formais do espectro cultural: a arquitetura e a vida literária. Aqui, interessam-nos as considerações do autor sobre o segundo espectro.

De acordo com o historiador, o cultivo da literatura foi um modelo de comportamento dos homens do círculo aristocrático francês. Portanto, os espaços de sociabilidades frequentados por letrados, na obra de Jeffrey Needell, estão articulados aos ambientes frequentados pela elite carioca. Needell elenca em suas perspectivas acerca desses espaços: os salões e a Rua do Ouvidor. O historiador aponta os salões como instituição crucial de sociabilidade para a sociedade de elite por possibilitar, a esse grupo, um isolamento. No entanto, o norte-americano apresenta a instituição a partir dos personagens que se destacaram na promoção dos salões durante os fins do século XIX e início do século XX, encontrando-se entre eles: Rui Barbosa, Pereira Passos, André Gustavo Paulo de Frontin, Antônio Tomás Quartim, dona Laurinda Santos Lobo, entre outros.

Tais personagens são focos de análise de Needell a fim de destacar a constituição dessas instituições promovidas por homens e mulheres pertencentes às famílias tradicionais – ligadas à agricultura – ou que desempenhavam profissões urbanas – como comerciantes – constituintes da elite carioca da “Belle Époque”. O historiador norte-americano define o salão como:

uma espécie de instituição intermediária entre as instituições formais, como clubes e escolas, e as domésticas como, por exemplo, a família ampliada. (...) Essa instituição estava vinculada a contextos históricos capazes de lançar uma nova luz sobre a elite da *belle époque*, não apenas a elite dos poderosos da República, mas a dos sucessores dos poderosos da Monarquia, nos termos da continuidade e da transformação. (NEDELL, 1993, p. 110)

Os salões eram inspirados naqueles realizados pela alta sociedade parisiense durante o Segundo Império francês (1852-1870). O ponto de encontro era promovido nas residências das personalidades da “elite”, no qual o anfitrião e sua esposa preparavam um jantar íntimo para um grupo selecionado de amigos. Após o jantar, o historiador

ressalta a procedência de uma variedade de passatempos refinados proporcionados pelos anfitriões: “música de câmara, seleções operísticas ou declamações de poesia, ou ainda representação de um trecho de peça de teatro” (NEEDELL, 1993, p. 130). Entre por homens de negócios, ministros, diplomatas, latifundiários, burocratas do alto escalão como frequentadores assíduos desses salões, estavam os intelectuais.

Diferentemente dos salões promovidos durante o Segundo Reinado, os salões da “Belle Époque” possuíam um caráter mais literário e mudando. Para literatos e artistas, os salões “eram locais privilegiados para os contatos pessoais e patronato natural naquele meio” (NEEDELL, 1993, p. 136). Na perspectiva apresentada por Needell acerca do salão como espaço de sociabilidade percebemos uma especificidade do salão, como espaços de sociabilidade, identificada pelo autor: os salões, tanto no Segundo Reinado quanto na “Belle Époque”, não serviram para criarem laços, mas para conservá-los e, sobretudo, fortificá-los, uma vez que aglutinavam indivíduos que já alimentavam o convívio em outros espaços de sociabilidade da elite carioca, entre eles a escola secundária Colégio Pedro II, o Cassino Fluminense, o Club dos Diários e o Jockey Club.

No respeito a Rua do Ouvidor, o historiador estabelece uma continuidade na abordagem de Brito Broca revalidando a importância da rua como espaço de consagração e ascensão para literatos e artistas. Para ele, o maior “salão ao ar livre do Rio” foi a Rua do Ouvidor, visto que:

em torno dela estavam as redações das revistas efêmeras e dos grandes jornais, muito fundados ou dirigidos por imigrantes franceses. Como muitos literatos – que não podiam escapar das limitações decorrentes de um mercado muito reduzido e viam-se obrigados a publicar suas obras em periódicos –, eles passavam boa parte de seu tempo no mundo encasacado e apinhado dos mexericos, da tinta de impressoras e da *bonhomie* clubística das gráficas, cafés e restaurantes desta rua. Também era na Rua do Ouvidor e adjacências que se situavam as poucas livrarias. (NEEDELL, 1993, p. 218)

Jeffrey Needell, estabelecendo a continuidade do pensamento de Brito Broca, revalida a importância da Rua do Ouvidor para os literatos, portanto, estava intimamente vinculada à sua importância para a elite: ela era um meio tanto para aqueles que já exerciam o poder quanto para os que precisavam servir ao poder para progredir. Se para alguns, as livrarias da ilustre rua eram os altares de sua consagração – pois os eleitos dispunham de público suficiente para justificar a venda de suas obras sob a forma de livros –, para a maioria dos literatos, estes estabelecimentos eram “apenas

pontos de encontros, nos quais se reuniam todas as tardes para conversar, ler seus textos em voz alta e fazer contatos úteis” (NEEDELL, 1993, p. 218).

Ao abordar a Rua do Ouvidor como espaço de sociabilidade de ascensão e consagração literária, Needell exemplifica o caso do pobre, mulato e de pouca escolaridade – na época – Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Que utilizou a Rua do Ouvidor como via para a respeitabilidade começando a frequentá-la desde adolescente. Segundo o historiador, a Rua do Ouvidor proporcionou ao escritor a oportunidade de publicar poesias, contos, crônicas e ensaios críticos regularmente. Não obstante, podemos inferir que Jeffrey Needell equivoca-se ao identificar a existência de uma mobilidade de *status* de literatos por meio da Rua do Ouvidor. A mobilidade no *status* de reconhecimento e consagração proporcionada pela Rua do Ouvidor não representava uma regra. Ainda que a literatura fosse uma atividade respeitada por todos, ter uma origem nobre, carreiras garantidas e proteção (imperial, do Estado, ou ainda de padrinhos) eram mais comuns para proporcionar a ascensão aos homens de letras. Em contrapartida, a abordagem que o historiador descortina no que diz respeito à Rua do Ouvidor torna-se interessante para a historiografia, uma vez que identifica uma espécie de expansão de uma sociabilidade que se inicia no espaço privado, nos espaços fechados e selecionados dos salões burgueses, e desloca-se para o público, a Rua do Ouvidor.

A obra de Needell obra faz-se importante para uma discussão historiográfica acerca dos espaços de sociabilidade intelectuais justifica-se pela contribuição por meio da abordagem dos salões como um dos primeiros espaços de sociabilidades frequentados pelos literatos cariocas. Em contrapartida, ou por opção própria – o que é mais provável – ou por falta de instrumentos, o autor concentra sua atenção sobre espaços de sociabilidade conectados ao que chama de elite e os intelectuais como grupos inseridos nela. Desse modo, o autor não atenta para os espaços de sociabilidade dos demais grupos sociais cariocas, o que nos possibilitaria, possivelmente, uma abordagem sobre os ambientes frequentados por literatos que se encontravam às margens desses tipos de relações com a elite.

Embora Needell tenha abordado a noção de sociabilidade, a obra *Essa gente do Rio...*, da historiadora Ângela de Castro Gomes, é a produção historiográfica que trabalhou a acepção de espaços de sociabilidade do francês Sirinelli de forma mais consistente. A produção da historiadora carioca encontra-se envolvido em um conjunto amplo e diversificado de estudos voltados para a atuação dos intelectuais brasileiros nas primeiras décadas do século XX. Ângela de Castro Gomes publicou *Essa gente do*

Rio...nacionalismo e modernismo no ano de 1999. A obra recupera os percursos dos intelectuais cariocas que, nas décadas de 20 e 30, pensavam o Brasil pondo em causa a identidade nacional e a modernidade experimentada pelo país.

A produção da historiadora direciona a crítica à perspectiva que coloca a cidade de São Paulo como centro do modernismo e a Semana de 1922 como o marco nacional da modernidade, apresentando o Rio de Janeiro como a cidade que carregou a missão de construir um padrão de referência de identidade nacional por meio de um projeto modernista, apresentado pelos intelectuais cariocas, que não foi consagrado pela historiografia brasileira. *Essa gente do Rio...* consiste em uma importante produção para o estudo dos espaços de sociabilidade intelectual uma vez que a historiadora discute os espaços e o clima desse grupo de intelectuais cariocas, chamando a atenção para: relações, influências e intercâmbios existentes dentro desses grupos que se articulavam em redes – de instituições, de grupos ou de indivíduos.

A autora não pretendeu elaborar um longo trabalho sobre o tema, muito menos produzir uma obra com pretensões generalizadas. A contribuição de *Essa gente do Rio...* para a historiografia produzida em torno dos espaços de sociabilidades intelectuais está na abordagem proposta, que explora a dinâmica de relações no qual se constituiu o interior do campo intelectual carioca nas décadas de 1910, 1920 e 1930. O objetivo da autora consiste em “mapear a dinâmica de articulação de vários grupos de intelectuais, reunidos em lugares de sociabilidade por eles legitimados, para o debate e a propagação de ideias, indissociáveis de formas de intervenção na sociedade” (GOMES, 1999, p. 11). A historiadora analisa as relações que se desenvolvem dentro do “pequeno mundo intelectual” sem perder de vista as condições sócias de produção cultural e seus vínculos com o campo político mais amplo, investigando as formas de organização, de tradições, os valores estéticos, os projetos culturais, os pontos de convergência e de divergência existentes entre a complexa rede de intelectuais na cidade do Rio de Janeiro a partir de seus locais de atuação.

Gomes elege o intervalo entre as décadas de 1910 a 1930 por tratar-se de um período “considerado pela literatura acadêmica em geral, cruciais devido às profundas transformações políticas e culturais que então assinalaram a vida do país” (GOMES, 1999, p. 18). A opção de trabalhar com a cidade do Rio de Janeiro consiste na condição que a capital federal ostenta como espaço de atração para intelectuais advindos de várias partes do Brasil. Logo, para a autora, essa intelectualidade construiu, na cidade, a sua rede de sociabilidade. Nessa perspectiva, Ângela de Castro Gomes dialoga com o cronista Brito Broca no que se refere à caracterização da cidade carioca como centro

aglutinador e difusor da produção cultural no Brasil nas primeiras décadas do século XX.

A noção de “espaço de sociabilidade” é uma questão central no trabalho da historiadora Gomes dialogando com o conceito de Sirinelli, utilizando-o na medida em que abordam perspectivas que exploram os locais de sociabilidades intelectuais a partir de duas dimensões propostas pelo historiador francês. A primeira delas contém a ideia de rede, remetendo-se às estruturas organizacionais que se constituem como local de trocas e aprendizado intelectual; e, a segunda dimensão tem a ver com o “microclima”, acepção utilizada para entender as relações pessoais e profissionais que permeiam os espaços de sociabilidade (GOMES, 1999, p.20).

Dos três autores mencionados nesse artigo, Ângela de Castro Gomes é a única que tece uma apresentação clara da maneira como utiliza a noção de sociabilidade elaborada por Sirinelli. Outros diálogos estabelecidos pela autora consistem nos conceitos sociológicos de *campo político* e *campo intelectual* de Pierre Bourdieu. A autora ainda dialoga com as perspectivas de José Murilo de Carvalho e Maria Alice Rezende de Carvalho, autores que se propuseram identificar as características históricas que auxiliaram a compor a identidade da cidade do Rio de Janeiro e implicaram diretamente na produção cultural desenvolvida e nos tipos de intelectuais que se desenvolveram e atuaram no cenário carioca.

Na análise da perspectiva abordada pela autora, percebemos que a mesma opta por estudar a dinâmica de sociabilidade dos intelectuais certa de que tal esforço lhe possibilitaria esclarecer algumas especificidades no que diz respeito à participação e atuação dos intelectuais carioca no debate do Brasil Moderno. No entanto, e naturalmente, como seria impossível a autora mapear o complexo mundo intelectual carioca, situado nas três décadas – 1910, 1920 e 1930 –, Gomes acabou optando por alguns espaços de sociabilidade que orientassem sua pesquisa e que possibilitassem o acompanhamento da trajetória do grupo de atores históricos elencados pela mesma. Por conseguinte, a historiadora seleciona a Academia Brasileira de Letras, as revistas e as associações culturais.

Ângela de Castro Gomes apresenta a ABL e a Escola Nacional de Belas Artes (Enba), como ambiente que reuniam pessoas e paradigmas de prestígio de inícios do século. É importante que percebamos que, novamente a ABL é identificada como o principal eixo organizacional do campo intelectual na cidade carioca. Devemos acrescentar que a obra de José Brito Broca, é apresentada como obra de referências nas páginas da produção da historiadora. A autora também chama a atenção para os

circuitos alternativos que serviram à criação e à expressão de ideias, tais como: os cafés e as livrarias. Espaços alternativos para grupos diversificados. Segundo a autora, para alguns “moços” que se reuniam em cafés e livrarias da Rua do Ouvido, a ABL não era o projeto dos sonhos. Luiz Gonzaga Duque, Kalixtos, Coelho Neto, Bastos Tigres, Lima Barreto, Olavo Bilac e Emílio de Meneses – os quatro últimos nomes são personalidades já apresentadas na obra de Brito Broca –, são personagens apresentados pela autora como “insubmissos” ao centro organizacional do campo intelectual carioca – ABL – e que “travavam uma disputa simbólica com a recente ABL” (GOMES, 1999, p. 38).

A perspectiva de Ângela de Castro Gomes apresenta uma nova abordagem ausente em Broca e Needell: as redações das revistas como espaços de sociabilidade da intelectualidade carioca. Em seu estudo, a autora explorou algumas revistas que divulgavam os projetos modernistas cariocas, espaços onde os intelectuais se organizavam para construir e difundir suas propostas. A historiadora aponta as redações das revistas *Fon-fon*, *Klaxon*, *Terra do Sol*, *Árvore Nova*, *Estética*, como exemplo dos espaços alternativos ocupados por esses grupos de “insubmissos”, como referencia de “sociabilidade preciosa para a percepção, formas e sentidos da articulação dos intelectuais cariocas” (GOMES, 1999, p. 39). Todos os periódicos compunham um circuito de revistas modernistas referentes a periódicos que lançavam pontos para a proposta de nacionalidade desenvolvida por tal grupo. Tais revistas aglutinam intelectuais, coligando-os em um projeto de militância nacionalista. Segundo a autora,

as revistas são ‘classicamente’ lugares de sociabilidade intelectual. Lugares de articulação e de pessoas e ideias que precisam de suportes materiais e simbólicos para fazer circular seus projetos, sem o que eles perdem significado. Os ganhos, portanto, são de ordem não instrumental, estando fora da lógica dos cálculos de custo e benefícios materiais, e inserindo-se no universo das paixões, crenças e vaidades intelectuais. (GOMES, 1999, p. 59)

Desse modo, as revistas do circuito modernista materializavam projetos estéticos e políticos expressos e discutidos por esses grupos nos espaços das redações.

No último capítulo de *Essa gente do rio...* retoma a ideia de espaços alternativos à ABL, todavia, constituídos nas décadas de 1930. A autora foca-se para a análise da Sociedade Felipe d’Oliveira, fundada em 23 de agosto de 1933. A Sociedade Felipe d’Oliveira reunia intelectuais amigos e empresários dinâmicos, todos amantes das

letras e das funções editoriais, que se reuniam ao menos uma vez ao mês para dar cumprimento a seus objetivos, ou seja, editar obras, premiar, autores e realizar eventos de divulgação cultural (GOMES, 1999, p. 86). Além dos encontros na sede da instituição não acadêmica, os literatos que participavam da Sociedade Felipe d'Oliveira também dispunham de outro local de sociabilidade: a revista Lanterna Verde, fundada pela instituição, um periódico de circulação multiplicador e difusor dos projetos criados pelo grupo da Sociedade.

Gomes lança à luz dos espaços de sociabilidades intelectuais que agrupam os grupos de literatos e artistas – de tradições simbolistas, católica e modernista – em torno do discurso de um Brasil Moderno nos diferentes tempos. Com isso, a autora prende-se a espaços específicos, mais relacionados às atividades profissionais desses intelectuais, ou seja, a publicação de revistas que difundiam um projeto estético-político. A autora articula os espaços de sociabilidade aos grupos modernistas, não atentando para outros grupos que coexistiram junto com esse grupo de intelectuais específicos. Gomes não contempla a dinâmica de um campo intelectual carioca como um todo, mas de um fragmento mais específico dentro desse campo, ou seja, os intelectuais envolvidos no debate modernista.

Nos três trabalhos eleitos para aqui serem discutidos, os espaços de sociabilidade intelectual são mapeados na geografia de uma cidade específica em um tempo específico: a cidade do Rio de Janeiro, do fim do século XIX às primeiras décadas do século XX. Os espaços de sociabilidade eleitos por esses três autores foram identificados na cartografia da cidade carioca, resultando em abordagens acerca dos locais onde os letrados viviam, se reuniam, debatiam seus textos e se encontravam para beber e se divertir, formando grupos dispersos pela cidade e com características próprias. As abordagens que foram discutidas permite-nos pensar o papel da cidade no abrigo desses ambientes frequentados pelos homens que se ocupavam das letras no Brasil republicano.

Os espaços de sociabilidades, de certa forma, nos remetem aos usos sociais da cidade. Revistas, livrarias, confeitarias, cafés, clubes, tipografias, salões: ambientes que foram apropriados por grupos específicos da sociedade e que suas condutas podem traduzir-se em termos espaciais, uma vez que um grupo social é capaz de dotar de sentido um lugar que só é inteligível para os membros desse grupo (LE PETIT, 2001, p. 148). A cidade do Rio de Janeiro, nas três perspectivas, é descortinada como arena cultural. Um espaço que é dotado de variados e até contraditórios sentidos

sociais, que convivem lado a lado, e espaço que, ao mesmo tempo em que é produto é também produtor das ações dos atores individuais e coletivos que nele vivem.

Um estudo sobre espaços de sociabilidades intelectuais na cidade do Natal

Após discutir as perspectivas de estudo na historiografia nacional, voltemo-nos para as produções na historiografia norte rio-grandense. Na historiografia local não há estudo algum que tenha se inclinado, resolutamente, para os estudos acerca do espaço de sociabilidade intelectual. Tanto no campo da História, como no campo da Literatura, essa é uma perspectiva praticamente pouco explorada. Desse modo, optamos por trazer, para a discussão desse artigo, duas produções que teceram algumas questões próximas da temática aqui abordada. Destacamos as obras do crítico literário Tarcísio Gurgel, *A Belle Époque na Esquina: o que se passou na República das Letras (2009)* e *Natal também civiliza-se (2011)*, da historiadora Márcia Marinho⁷.

Em 2006, Tarcísio Gurgel dos Santos elaborou sua tese de doutorado para o Programa de Pós-Graduação em Estudos em Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O objetivo do autor é contemplar o clima de produção cultural durante o que o autor aponta como *Belle Époque* em Natal. Gurgel aborda a cultura do estado do Rio Grande do Norte no período compreendido entre a instalação da República e as décadas 1920, sistematizando uma trajetória do “surto” de escritores, poetas, ensaístas e cronistas que acompanhavam as transformações urbanísticas desenvolvidas no espaço natalense. Em seu estudo, Tarcísio Gurgel explorou um conjunto de documentos variados: folhetos, jornais, revistas e, sobretudo, antologias. A documentação permitiu ao crítico literário reconstruir a vida literária no estado a partir da vida e produções de grandes homens norte rio-grandense. Logo, sua produção, ainda que esteja inserida no campo da Literatura, contribuiu para preencher as lacunas no que diz respeito à vida cultural local no início do século XX.

Gurgel explorou as articulações entre a política e a atividade litero-jornalística na cidade durante o período de produção do campo artístico e literário. Publicada como livro no ano de 2009, em *Belle Époque na esquina*, o autor observa a cidade de Natal na República Velha como cenário onde predominavam as “elites” literárias, jornalísticas

⁷ As obras do crítico literário Tarcísio Gurgel e da historiadora Márcia Marinho foram elencados neste artigo, por comporem o pequeno universo de estudos locais que mencionam os espaços de sociabilidade intelectual existentes na cidade do Natal durante a Primeira República. Optamos por eleger as duas produções, por estas estabelecerem possíveis diálogos com a proposta da pesquisa *Homens de Letras na cidade do Natal*, desenvolvida pela autora deste artigo.

e políticas e de vida intelectual desenvolvida a partir de 1894 (GURGEL, 2009, p. 45). Consoante Needell, Gurgel articula o “pequeno estreito mundo” intelectual à “elite”. No entanto, fica a impressão que o autor apenas relaciona a atividade intelectual na cidade a grupos de jovens literatos que cercavam as oligarquias açucareiras e seridoenses, excluindo, dessa forma, os “aspirantes a escritores” que buscavam obter consagração e reconhecimento por meio das colaborações nos periódicos e pequenas agremiações que existiam na cidade do Natal.

Segundo Wanderley, Palmira Wanderley, Antônio Marinho, Abner de Britto, Murilo Aranha, Henrique Castriciano, Manoel Dantas, Luís da Câmara Cascudo, Jorge Fernandes, Antônio de Melo e Souza e Erasmo Xavier são os nomes de escritores que foram elencados na obra do autor. Desse modo, Tarcísio Gurgel atribui um pequeno capítulo a cada nome de sua produção, construindo assim uma narrativa sobre o âmbito cultural do Rio Grande do Norte ligado às trajetórias de indivíduos. Logo, o autor encerra uma pesquisa que elenca apenas intelectuais inseridos e, provavelmente, a serviço de um projeto político desenvolvido pelo grupo social dirigente de Natal, silenciando a colaboração e produção de “pequenos escritores” que se encontravam à margem dessa relação entre intelectuais e poder.

O crítico literário menciona, vagamente, os espaços de sociabilidades eleitos por esses intelectuais destinados aos seus encontros, entre eles: o café de Ezequiel Wanderley, denominado Potiguarânia; o palácio do Governo; e apenas três grêmios literários, dos oito existentes no estado durante o período – o Grêmio Polimático, Congresso Literário e Le Monde Marche. Percebemos que os espaços de sociabilidade intelectuais apresentados na abordagem do autor possuíam duas conotações: a de fortalecimento do mecenato, que partia do Palácio do Governo, e a de pontos de encontros, em alusão ao Potiguarânia e as agremiações literárias. Enquanto, no primeiro, desenvolver-se-iam as atividades de trocas entre os *campos político e literário*; no segundo, tais espaços abrigavam ponto de encontros entre os intelectuais. Assim sendo, optando pela perspectiva que conecta os literatos ao grupo social dirigente do estado, o autor não atenta para os demais espaços de sociabilidades intelectuais existentes, ou, como bem aponta Brito Broca, “os espaços de sociabilidades intelectuais alternativos para aqueles que estavam à margem desses tipos de relações” (BROCA, 2005, p. 302).

A segunda produção local, *Natal também civiliza-se*, assim como *Belle Époque na Esquina*, é uma produção recente. Publicado em 2011, a obra é fruto de uma dissertação elaborada no Programa de Pós-Graduação em História, também na

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na perspectiva histórica, a autora reconstrói aspectos da vida social dos grupos urbanos na cidade do Natal nas três primeiras décadas do século XX. Márcia Marinho acompanha o surgimento de novas formas de agrupamento concomitantemente às mudanças cotidianas ocorridas na cidade. Desse modo, o foco central da obra consiste nas novas formas de organização social do que a autora intitula “a elite natalense”, elencando os seguintes espaços de sociabilidade: os clubes, os cafés e as práticas esportivas; instituições dedicadas ao lazer de um grupo social dirigente natalense.

Entretanto, a historiadora não se limita a identificar as sociabilidades e lazer que vigoravam na capital do estado, mas Marinho também estabelece uma relação entre essas maneiras de sociabilidade e a ocupação do espaço da cidade. No que diz respeito à documentação explorada, a historiadora utilizou principalmente alguns jornais do início do século XX – *A República*, *o Diário do Natal*, *Gazeta do Comércio*. As crônicas, colunas e notícias nas páginas dos mencionados periódicos proporcionaram um vislumbamento da dinâmica do grupo dominante do estado e suas formas de associação. A perspectiva da autora dialoga diretamente com a produção de Jeffrey Needell, em que o autor também aborda uma sociabilidade de “elite”. Na perspectiva da historiadora, opta por elencar espaços que eram encarregados de instruir intelectual e socialmente os jovens membros das elites, apontando entre eles: *o teatro Carlos Gomes*, o colégio secundarista *Atheneu Norte-Rio-Grandense*, *o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*; *a Escola Doméstica*; *o Recreio Juvenil*; *o Potyguarânia*; *o Natal Club*; *Club de Tiros de Guerra de Natal*; *o Natal Sport Club*; e *o Aero Club*. Segundo a autora,

Essas instituições não eram apenas lugares de circulação de ideias, eram lugares em que as elites se encontravam, onde seus jovens membros se formavam, onde suas ideias eram divididas, as amizades seladas, enfim, eram espaços de plena sociabilidade (MARINHO, 2011, p. 88).

A importância de sua obra para a presente análise consiste na iniciativa pioneira da historiadora no que diz respeito à realização de um mapeamento e exame crítico dos espaços destinados à sociabilidade na historiografia local. Dentro de sua abordagem, a historiadora identifica alguns espaços de sociabilidade intelectuais na cidade do Natal: o café *Potyguarânia*, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHG/RN) e o *Natal Club*, “centros recreativos de maior prestígio e tradição na cidade localizados no bairro da Cidade Alta” (MARINHO, 2001, p. 100). A autora

identifica o café Potyguarânia como “ponto de encontro de velhos e moços literatos desde o século XIX” (MARINHO, 2011, p. 96). Marinho não teceu maiores comentários a respeito do café *Potyguarânia*, uma vez que a autora volta-se para um mapeamento dos demais cafés existentes no bairro da Cidade Alta e da Ribeira objetivando identificar os outros ambientes destinados à sociabilidade na cidade. O *IHG/RN* e o *Natal Club*, por sua vez, são apontados pela historiadora como amparo das conferências literárias⁸ realizadas na cidade do Natal contagiadas pelo modismo da capital federal e da Europa. Todavia, a autora previne que “a frequência das conferencias não estavam restrita apenas a intelectuais ávidos em defender seus pontos de vista, mas sim, a um público mais amplo, que via nesse tipo de reunião social mais uma maneira de ficar mais próximo dos ‘civilizados’ costumes europeus” (MARINHO, 2011, p. 101).

No estudo dos espaços de sociabilidade da cidade do Natal, como podemos perceber, a autora apenas privilegia as novas formas de agremiações do grupo social dirigente. Os espaços de sociabilidade elencados pela autora dizem respeito apenas a alguns grupos urbanos de alguma condição econômica e social. No entanto, a dificuldade da historiadora em explorar os espaços que serviam de sociabilidade a outros grupos sociais em Natal justifica-se pela precariedade da documentação, tanto no que diz respeito à possibilidade de conhecer-se mais a fundo as divisões existentes na sociedade natalense, quanto à possibilidade de identificar os frequentadores desses ambientes. A historiadora também não atenta para a existência de conflitos e exclusões dentro desses espaços de sociabilidade, uma vez que os compreendem, somente, como instituições de agregação social destinadas a novas maneiras de diversão, de usufruto dos espaços públicos, que deram uma nova dinâmica à cidade do Natal.

Como podemos perceber a sociabilidade não se constitui como tema da historiografia local, o que justifica a brevidade na abordagem de produções que, em algum momento de sua perspectiva, mencionaram a temática. A historiografia local voltou-se para a história dos grandes homens, da política e da administração norte rio-grandense, em que o espaço de sociabilidade apenas é referido como um tema menor. Desse modo, foi pensando nessas lacunas que a pesquisa *Homens de letras na cidade*

⁸ A historiadora Márcia Marinho elenca duas importantes conferencias realizadas na cidade do Natal: a primeira consiste no ciclo de palestras “Costumes locais”, ministrados por Eloy de Souza, em fevereiro de 1909; e a segunda, por Manuel Dantas, intitulada Natal daqui a 50 anos. Ambas ocorridas no auditório do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte. Consultar: MARINHO, Márcia. *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense*. Natal /RN: EDUFERN, 2011. P. 102.

*de Natal*⁹, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História, tem por objetivo a análise acerca da vida literária na cidade do Natal durante a República Velha.

A partir dessa perspectiva, a pesquisa apresenta uma proposta de estudo dos espaços de sociabilidades, exclusivamente, intelectuais inseridos na cartografia da cidade do Natal dos fins do século XIX e início do século XX. No período estudado não existia, ainda, na cidade uma academia voltada para os interesses dos literatos natalense¹⁰. Logo, desprovidos de um centro organizacional oficial de homens que se ocupavam das letras, os pontos de encontros de intelectuais encontravam-se dispersos pela cidade do Natal. Foi assim que, durante a Primeira República, o estudo identifica a atuação desses grupos de intelectuais nos novos espaços urbanos emergentes na capital: redações, tipografias, cafés, clubes, salões residenciais, entre outros.

A pesquisa *Homens de letras na cidade de Natal* também aponta que alguns locais na cidade eram “mais propícios” para a reunião de grupos de intelectuais do que outros, uma vez que tais espaços estavam vinculados ao desenvolvimento das atividades desses homens de letras. Entre esses espaços mais propícios identificamos: as redações dos periódicos literários; as instituições de ensino; a livraria de Fortunato Aranha; as tipografias. Em contrapartida, o estudo também mapeia outros espaços “eleitos” para servir de ambientes destinados a sociabilidades desses grupos, para servirem de pontos de encontros, estando entre eles: as residências de escritores ilustres natalenses¹¹; o café *Potiguarânia* – posteriormente denominado de *Magestic*; os pontos de encontros de seresteiros; o *Natal Club*; as sedes dos grêmios literários; o

⁹ A pesquisa *Homens de letras na cidade de Natal*, desenvolvida pela autora do presente artigo, encontra-se em construção desde o ano de 2012, orientada pelo prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

¹⁰ A Academia norte rio-grandense de Letras foi criada, apenas, no dia 14 de novembro de 1936, por um grupo de intelectuais tendo à frente Luís da Câmara Cascudo. A instituição estava voltada para a “cultura da língua, da literatura, ciências e artes”. Seu primeiro presidente foi o escritor Henrique Castriciano. Ao que sabemos, a Academia nasceu das reuniões na residência de Luís da Câmara Cascudo. Para mais informações sobre a história da Academia Norte rio-grandense de Letras, consultar: ONOFRE JR., Manoel. Nossa Academia. In: _____. *Conversa na calçada*. Natal/RN: UFRN, 2011. P. 54-57.

¹¹ Os cantões eram espaços destinados a reunir determinados grupos na cidade. Urbano Hermilo era empregado da Fazenda do Estado. Sua residência, localizada na Rua Nova – atual Avenida Rio Branco – servia de local de reunião destinado a discussão de arte e literatura. O cantão era frequentado por Alberto Maranhão, Henrique Castriciano, Manoel Dantas e Pinto de Abreu. Na década de 20, grupos de alguns literatos e jornalistas reuniam-se na casa de Luís da Câmara Cascudo a fim de conversar sobre as letras. Mais informações sobre cantões na República em Natal, conferir: MELO, Pedro de Alcântara Pessoa de. *Natal de ontem: figuras e fatos de minha geração*. Natal /RN: Sebo Vermelho, 2006; ONOFRE JR., Manoel. Nossa Academia. In: _____. *Conversa na calçada*. Natal/RN: UFRN, 2011. P. 54

salão literário de dona Isabel Gondim¹²; a *Praça 7 de Setembro* que abrigava os “cantões literários”. Nesses espaços, os letrados viviam, reuniam-se, debatiam seus textos e encontravam-se para beber e se divertir, formando grupos dispersos pela cidade e com características peculiares.

Portanto, *Homens de letras na cidade de Natal* distingue-se de uma abordagem semelhante à realizada por Tarcísio Gurgel, uma vez que, primeiramente, busca observar a vida literária na cidade do Natal por meio de uma criticidade histórica – enfoque, até então, pouco dado pelo campo da História local. Em segundo lugar, a pesquisa pretende explorar os ambientes frequentados pelos intelectuais que se encontravam à margem das relações sociais e de poder com o grupo dos Albuquerque Maranhão. Logo, a abordagem não se limita aos itinerários frequentados apenas pelos “escritores consagrados” na cidade do Natal. A perspectiva da pesquisa desenvolve-se sob a condição de descermos até o estrato intermediário dos homens de letras de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram e atuaram na vida literária da cidade.

Diferente da dificuldade apresentada pela historiadora Márcia Marinho, em identificar as divisões sociais entre os grupos natalense devido à precariedade da documentação, a distinção do grupo de literatos imersos no universo intelectual da cidade torna-se mais fácil. O estudo de *Homens de letras na cidade de Natal* parte da distinção de grupo por meio do *status*, isto é da notoriedade e do reconhecimento, condições que eram almejadas pelos escritores. O estudo ainda diferencia-se da produção da historiadora por enveredar pela perspectiva de Sirinelli na medida em que pensa os espaços de sociabilidades, intelectuais, não apenas possibilitavam formas de agregação social, mas como também, como ambientes que excluem. Os espaços de sociabilidades intelectuais, na abordagem da mencionada pesquisa são ambientes que aglutinam e, concomitantemente, hostilizam e excluem outros grupos de intelectuais. Os espaços de sociabilidade reproduzem práticas barristas uma vez que grupos, que se identificaram com esses espaços, excluem outros grupos.

No que respeita à perspectiva que concebe um espaço de sociabilidade como espaço de exclusão, o estudo identifica algumas práticas excludentes no *Café Magestic*

¹² Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim, nascida em 5 de julho de 1839, desempenhava a ocupação de professora do ensino primário na cidade de Natal. Sua casa foi durante algumas décadas – fim do século XIX e início do século XX – um importante local de encontros para os intelectuais que costumavam a reunir-se em torno dos saraus literários. Consultar: WANDERLEY, Jaime dos G.. É tempo de recordar. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1984.

nos relatos memorialísticos de João Amorim Guimarães¹³. Nas memórias do cronista, sobre a Natal de 1910, João Amorim Guimarães relata o Café *Magestic* como parte de um conjunto de cafés que “revelando a trajetória às vezes áurea e esplendente de alguns, de uns tantos cafés que foram, foram verdadeiramente pontos de convergência dos grandes representantes das nossas letras e das nossas artes” (GUIMARÃES, 1952, P.142). No Café *Magestic*, sucessor do *Potyguarânia*, “se instalava a DIOCÉSIA¹⁴... instalava-se a verdadeira academia... a academia de letras, de patriotismo, de vibração, de folclore, de alegria, de intelectualidade” (GUIMARÃES, 2011, p. 157). Ainda que a entrada no *Magestic* fosse gratuita, no espaço interior do café era que se realizava a seleção. Nas palavras do cronista:

se o freguês não covinham, pelas suas más qualidade, pela sua vida irregular, incompatível com o meio, teria logo a ‘geladeira’. A “geladeira” foi a maior arma de defesa à parte moral e social do *Magestic*. Entrava o freguês, fazia o seu pedido, era atendido cortesmente, sem ser incomodado; mas se procurava conversar, se dava algum ‘aparte’ à conversa, ou se dirigisse a qualquer dos presentes seria atendido, apenas, por monossílabos, por ‘sins’ ou por ‘não’. Aquele, já se sabia que não voltaria mais (GUIMARÃES, 1952, P. 153).

É plausível que as práticas excludentes estavam ligadas à identificação de grupos de intelectuais com determinados espaços, uma vez que os espaços de sociabilidades dos literatos contribuíam para a formação de identidade enquanto grupo, com características e peculiaridades entre si. Assim, as considerações de João Amorim Guimarães nos leva a perceber que ao mesmo tempo em que os espaços de sociabilidade serviam às afinidades e trocas, também reproduziam sentimentos hostis.

A natureza e a importância desses encontros, sejam formais ou informais, revelam-se quando consideramos as pessoas envolvidas ou que frequentavam esses lugares. Por isso, a pesquisa também busca relacionar a frequência desses ambientes às trajetórias de indivíduos ou de grupos. Acrescentando as perspectivas que já foram mencionadas, outras questões pertinentes para o estudo *Homens de Letras na cidade do Natal* são: pensar os sentidos que os grupos de intelectuais atribuem a esses espaços; elaborar uma cartografia dos ambientes frequentados pelos literatos;

¹³ GUIMARÃES, João Amorim. *Natal do meu tempo: crônica da cidade do Natal*. Natal: SCB/FHG, 1999.

¹⁴ Segundo o cronista, a palavra Diocésia tratava-se de uma casa de letras, de um ponto de reunião de literatos. O nome foi escolhido pelos fregueses para nomear o café, fazendo juz a “roda literária” que todo domingo e feriados alojava-se no sótão e abrigava as palestra literárias e histórias humorísticas. Para mais informações sobre o Café *Magestic*, consultar: GUIMARÃES, João Amorim. *Natal do meu tempo: crônica da cidade do Natal*. Natal: SCB/FHG, 1999.

identificar seus frequentadores e atentar para a oscilação do caráter privado e público pelo qual passam esses ambientes. Uma análise acerca dos espaços de sociabilidade intelectual na capital potiguar evidencia o crescente esforço para se criar um ambiente literário ainda durante os primeiros anos do século XX. Na pesquisa, além da bibliografia sobre a história local, utilizamos como documentações memórias, crônicas, artigos do jornal *A República* e periódicos literários.

A abordagem da História dos intelectuais por meio do estudo das redes de sociabilidade privilegia as condições sociais em que as obras são produzidas. Investigar as sociabilidades significa seguir as trajetórias de indivíduos e de grupos buscando mapear suas ideias, comportamentos e formas de organização, que seja possível caracterizar e compreender seus esforços de reuniões e de afirmação de identidades enquanto grupos que não podem ser deixados de lado pela perspectiva histórica.

Os enfoques das produções de Brito Broca, Jeffrey Needell, Ângela de Castro Gomes, juntamente com as obras de Tarcísio Gurgel e Márcia Marinho são exemplos de estudos que articularam diferentes espaços e modos de atuação que contribuíram para compor e dinamizar a vida de um grupo e de uma cidade, fosse Rio de Janeiro ou Natal. Na discussão dos seis trabalhos elencados, percebemos como os espaços de sociabilidades intelectuais podem ser explorados por diferentes ângulos e compõem importantes perspectivas de abordagem para o campo da Historiografia – incluso aqui também os trabalhos no campo da História. Como palavras finais, lembramos que “entrar no mundo da sociabilidade é uma forma de encontrar a experiência dos indivíduos e de grupos em sua vida social na cidade” (GONTIJO, 2005, p. 277). Trata-se, por fim, de propor uma investigação da História dos intelectuais que não parte de modelos prévios e nem teçam conclusões a partir de esquemas explicativos generalizantes.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas/SP: papirus, 2011. 11 ed. p.15.

BROCA, José Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

GOMES, Ângela de castro. **Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. IN: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GÔUVEA, Fátima S. **Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. Parte III: cultura política e sociabilidade. P. 259-284.

GUIMARÃES, João Amorim. **Natal do meu tempo: crônica da cidade do Natal**. Natal: SCB/FHG, 1999.

SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. **Belle Époque na esquina: o que se passou na República das Letras potiguar**. Natal/RN: Editora do autor, 2009.

LE PETIT, Bernard. **É possível uma hermenêutica urbana?** In: _____. Por uma nova história urbana. São Paulo: Editora da USP, 2001. Cap. 5. P. 137-154.

MARINHO, Márcia. Clubes e cafés: espaço de sociabilidade das elites natalenses na Belle Époque. In: _____. **Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense**. Natal/RN: EDUFRN, 2011. Cap. 2.p. 69-116.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ONOFRE JR., Manoel. Nossa Academia. In: _____. **Conversa na calçada**. Natal/RN: UFRN, 2011. P. 54-57.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003. 2 ed. P. 232 – 253.

WANDERLEY, Jaime dos G. **É tempo de recordar**. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1984.